



Uma vista de Tyrol

Como a Suíça o Tyrol possui um grande numero de montanhas, lagos, cascatas, menos bellas, é verdade, menos grandiosas e menos numerosas que as que dão á Helvecia tão poderoso attractivo. Esta inferioridade, porém, é compensada de algum modo por um caracter pittoresco mais pronunciado. O Tyrol offerece ao contrario algumas excepções a esta regra geral: póde citar-se entre outras a formosa estrada que conduz ao monte Brenner, estrada em que o transeunte encontra a cada passo sitios realmente agradaveis.

A natureza montanhosa do Tyrol exclue de certo modo as grandes propriedades, e assim tambem a nobresa d'este paiz é em geral pouco rica, ou antes quasi sempre cheia de dividas. As montanhas, que parecem surgir de todos os lados, são cobertas por grandes lençoes de neve, e muitas vezes sombrias nuvens ás cobrem quasi completamente; e além d'isto ainda immensas columnas de vapores fluctuam e passeiam no es-

paco elevando-se e baixando-se, occultando e descobrindo successivamente as diversas partes d'um selvagem e ao mesmo tempo admiravel panorama, onde se descobrem sobre os picos aridos, e rochedos em pyramides isoladas, as ruinas de antigas fortalezas, que completam o effeito do quadro.

É grande o prazer, percorrendo-se estas severas regiões, encontrar-se o alegre albergue tyrolez. Ali não se sente o frio que atrista as casas inglezas, nem as maneiras obsequiosas que em Italia, e mesmo em Franca se dispensam segundo a gerarchia do viajante; é a bonhomia e os serviços promptos e com agrado para todos sem excepção.

O tyrolez é de physionomia agradável. A frescura da mocidade perde-se com a idade e é substituida por uma cor queimada produzida pela acção do sol e da fadiga. Habitados a trepar as rochas escarpadas, ou a descer caminhos turtuosos, tem por isso uma certa cadên-

cia e balanço no modo de andar, balanço que lhe é necessário para guardar o equilibrio.

O PRINCIPE EUGENIO DE BEAUHARNAIS

e as memorias que lhe são relativas.

... *ab auditione mala non timebit.*

Ps. CXI 7.

XVI

No ponto a que temos chegado, da vida do principe Eugénio, julgamos indispensavel fixar bem algumas datas e circumstancias, afim de que os leitores possam orientar-se perfeitamente na apreciação do que está escripto nos artigos antecedentes, e do que havemos ainda de escrever.

O principe Eugénio nasceu em Paris no anno de 1781, aos 3 de setembro.

Não foi longa a sua vida, pois que falleceu no anno de 1834, tendo apenas 43 annos de idade.

As *Memorias* que nos serviram de guia para narrar os acontecimentos relativos ao principe, até ao anno de 1805, foram por elle próprio dictadas, no anno de 1822, a MM. Hénin e Planat de la Faye, em Eischtet.

Tudo quanto havemos apontado, dos annos posteriores a 1805, é já doduzido da seguinte colleção:

Mémoires et Correspondance politique et militaire du Prince Eugène, publiés, annotés et mis en ordre par A. Du Casse, auteur des Mémoires du Roi Joseph. (São dez volumes, começados a publicar em Paris em 1858, e concluidos no anno de 1860.)

As *Memorias* que o principe Eugénio chegou a dictar, e das quaes demos ampla noticia aos leitores, têm indisputavel merecimento; e muito é para sentir, como já ponderámos, que ellas parassem no anno de 1805. Esse fragmento interessante, é por desgraça demasiadamente curto, para me servir de uma expressão de um historiador e critico grave, M. Louis de Viel-Castel.

E pois que temos occasião de mencionar o nome de um escriptor authorisado, aproveitaremos esta oportunidade para justificar, aos olhos dos leitores, a importancia que julgámos dever dar ás *Memorias* que o principe Eugénio começou ainda a dictar.

M. de Viel-Castel toma nota do modo singelo e nobre, porque o principe Eugénio falla do atroz fusilamento do duque d'Enghien. Eugénio mostra-se repassado do horror que aquelle negro crime inspira ás almas bem formadas, e apresenta-se tanto mais penalizado, quanto vê manchada a gloria do Primeiro Consul. Conta que sua mãe, debulhada em pranto, lançou sobre Napoleão as mais vehementes censuras, e lhe disse que jámais poderia elle lavar-se d'uma accção tão atroz, e que muito mal inspirado andara quando cedeu aos perfidos conselhos de seus inimigos, que por muito felizes se deram em conseguir deslustrar a historia da sua vida com uma pagina de tamanho horror!

É a este propósito, que o grave escriptor se exprime n'estes termos:

— Ce récit, conforme à la tradition contemporaine, mérite d'autant plus d'être recueilli que, comme tous ceux dont se compose ce fragment de *mémoires*, malheureusement trop court, il est empreint d'un caractère de sim-

plicité et de franchise qui ne permet pas d'en suspecter la sincérité. —

— No que respeita ás *Memorias* que M. Du Casse publicou, annotou e pôz em ordem, e constam de dez volumes, cumpre dizer que são ellas um precioso subsidio para a historia, pois que contêm a correspondencia de Napoleão com o principe Eugénio, a contar do anno de 1805, d'este com aquelle, com sua esposa — a princeza Augusta — e com outros personagens; sendo de maior gravidade todos os documentos publicados, já com relação ás cousas da guerra, já com relação ás cousas da politica, e da administração.

Recordo-me de haver lido algures que essas *Memorias* deixam — como que no escuro o Principe Eugénio, e sómente fazem sobresair o vulto gigantesco e verdadeiramente grandioso de Napoleão.

Há mister que bem nos entendámos para apreciarmos devidamente esta ponderação.

Por decreto de 7 de junho de 1805 foi Eugénio nomeado Vice-Rei da Italia, e investido na administração d'aquelle bello e importantissimo paiz, do qual acabava Napoleão de assumir a soberania.

Tinha então Eugénio vinte e quatro annos; e ninguem dirá que um moço d'aquella idade, e maiormente estranho ás cousas da politica e da administração, como de feito estivera sempre o filho adoptivo de Napoleão, devésse ser escolhido por este ultimo para um pôsto de tamanho melindre, e de tão complicada e difficil direcção politica, administrativa e militar.

Ainda cresce mais o espanto da singularidade de uma tal nomeação, ao considerar se que o Imperador dos Francezes e Rei da Italia se esqueceu, ou de propósito se absteve de collocar ao lado do mancebo inexperiente um conselheiro authorisado, que tivesse bastante capacidade para o allumiar e instruir, a até para o dirigir e encaminhar nas occasiões momentosas e arduas. (1)

Mais de uma vez, nos artigos antecedentes, ouvimos dizer ao principe Eugénio, que se abstinera sempre de ingerir-se nos negocios politicos e administrativos, encerrando-se exclusivamente no tirocinio e aprendizagem das cousas da vida militar, sua profissão. É pois claro que principiou Eugénio a exercitar as elevadissimas funcções de Vice-Rei da Italia, sem ter a menor experiencia, o mais leve exercicio da difficil arte da governação, quando aliás não tinha dado mostras de possuir, em gráo eminente, essas faculdades poderosas da intelligencia que suppreem a falta da prática.

Não é necessario ser muito atilado para perceber que Napoleão, nomeando Eugénio, pessoa da sua familia e intimidade, pôz de parte a consideração da pouca idade e falta de experiencia do illustre mancebo, para só attender á fidelidade com que havia de ser servido, e maiormente ao intuito de poder governar a Italia, por intervenção de uma creatura sua, tão absoluta e directamente, como governava a França. *A priori* poderia conceber-se isto, attendendo ao

(1) *Le Prince Eugène*, par M. Louis de Viel-Castel.

Notavel artigo publicado na *Revue des deux-mondes*, do anno de 1861.

caracter audacioso e prepotente do grande homem, diante do qual só existia a sua vontade de ferro, inspirada pela mais decidida e irresistível tendencia da dominação. Mas se esta apreciação, meramente especulativa, não fôsse bastante, ahí teríamos a correspondencia de Napoleão com o principe Eugénio, para nos convencer dos designios que o moveram a nomear Vice-Rei da Italia um mancebo de vinte e quatro annos, que até então só estudára os mistéres da carreira militar.

Já no artigo XIII deixámos entrever a principal feição da correspondencia de Napoleão com o principe Eugénio — na qualidade de Vice-Rei da Italia, quando dissémos que por vezes encontravamos nas respostas do grande homem uma palavra sévera, ou alguns termos e modos menos suaves nas ordens, advertencias e recommendações transmittidas ao seu filho adoptivo. É verdade que tambem notámos, que de vez em quando apparece a compensação consoladôra de uma explicação amigavel; mas, em geral, o tom d'essa correspondencia é menos brando e suave do que fôra de esperar.

De passagem o direi. Por vezes me tem succedido, ao percorrer aquella volumosa correspondencia, o dizer comigo: Se fôsse rasoavel imaginar uma hypothese, em verdade absurda, — qual a de estar na situação de Eugénio, teria muito em breve resignado o elevadissimo cargo, que me condemnava a ter sempre atados os braços, a sopear a toda a hora a minha vontade, e a ser o instrumento passivo do *posso, mando e quero* do mais absoluto dos soberanos.

Mas Eugénio tinha uma rara prudencia, uma resignação admiravel; suppunha-se vinculado pela gratidão; admirava o génio do homem extraordinario que presidia aos destinos da França e da Italia; attendia ao que, ainda nos estreitos limites da sua acção, podia fazer algum bem aos povos, — e ia permanecendo no pouco invejavel pôsto!

Havemos de ter occasião de exemplificar as asserções que temos estabelecido, — e não nos faltará tambem occasião de mostrar que o Principe Eugénio, apesar dos poucos annos e da sua inexperiencia governativa, fez muito excellentes cousas, e diligenciou tornar-se merecedor das altas funcções que lhe foram confiadas.

Antes, porém, de começarmos a apresentar excerptos da interessantissima correspondencia — no sentido das indicadas asserções, ha mister pagar um tributo de sentida admiração ao homem extraordinario, que nas *Memorias e Correspondencia* figura principalmente. Ao lêr-se essa colleção volumosa de documentos, como que ficamos espantados das faculdades prodigiosas de Napoleão, da sua actividade illimitada e incomparavel! A tudo attende o grande homem: de tudo se lembra; tudo acautela; em todos os ramos se apresenta sabedor; tudo providencia; nada escapa á sua previsão! Curvemo-nos diante da Providencia, que formou um homem tão extraordinario! Assim elle houvesse podido por um dique á sua ambição insaciavel!

— No artigo immediato offereceremos á consideração dos leitores alguns excerptos da indicada correspondencia.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

IDYLLIOS DE GESSNER

O ciúme

O vulcão mais devorador, a mais cruel serpente que as furias para o nosso coração arremessam — é o ciúme. Alexis o experimentou. Amava Daphne e d'ella era amado. Alexis era claro, cabello basto, negro e ondeado, fronte altiva e sympathica, porte distincto e resolute. Daphne era bella como a innocencia, e fresca como o lyrio do vale que se expande ao nascer da aurora. Haviam-se jurado mutua ternura e eterna fidelidade.

Ora aconteceu que o pae d'Alexis, estando gravemente doente, acabava de escapar, como que milagrosamente, á sua terrivel enfermidade.

— Meu filho, lhe diz elle, fiz o voto de sacrificar ao deus da saude seis das mais formosas ovelhas do meu rebanho. Vae, Alexis, parte á conduzir as victimas ao seu holocausto.

Havia, para attingir ao templo de Esculapio, vastas campinas a atravessar. Eram-lhe precisos dois ou tres dias de caminhar incessante. Alexis derramou um caudal de lagrimas ao separar-se da sua terna pastorinha. Quem assim, angustiado, os houvesse visto teria dito que Alexis iria transpor infinitos oceanos!

Com effeito; pouco depois, triste e meditabundo, o desolado amante seguia, estrada além, com as suas ovelhas, e, ao affastar-se cada vez mais do seu casal, suspirava como solúca a gémida rôla. Passava pelas mais bellas planicies e não as via; as mais opulentas paizagens se lhe offerciam risonhas e a tudo era indifferente. Insensivel a tantas bellezas, nada sentia senão o seu amor, nada via a não ser a sua amante! Via-a com os olhos da alma, deslumbrante de amor á sombra dos olmeiros, á borda dos riachos; ouvi-a repetir o nome d'Alexis, e elle, só lhe podia responder com os seus suspiros! . . .

Era assim que Alexis ia subindo as veredas solitarias, seguindo cabisbacho as suas ovelhas e lastimando-se que aquelles doces animaes não houvessem sido dotados da ligeireza do cabrito.

Chegado ao templo, consummou a oblação das victimas immoladas em holocausto, e já regressava nas azas do amor, quando, ao passar atravez das sarças, um espinho se lhe insinuou na planta do pé. A força da dôr lhe permittiu apenas arrastar-se até á cabana proxima onde um pastor benéfico o recebeu pensando-lhe a ferida comervas salutaras.

— Deuses! quanto sou desventurado! dizia elle em seu delirio.

Depois, sombrio e pensativo, contava, suspirando, minuto a minuto. Enfim, uma divindade inimiga lhe varou o coração com a serpe envenenada do ciúme.

— Deuses! repetia em voz baixa e lançando vistas ferozes em volta de si, ó raiva! que terrivel pensamento! Daphne poderia tornar-se-me infiel!... Idéa, injusta, odiosa!... Daphne é mulher e Daphne é formosa como a bonina do campo. Quem pôde vel-a sem resistir aos seus encantos? Ha já muito tempo que Amyntas suspira por ella. Amyntas é gentil... a sua voz é tão terna! toca tão harmoniosamente a lyra!... Além d'isso a sua cambana está junta á de Daphne e separada apenas por uma penumbra deliciosa... Longe de mim... ah! fugi excruciantes

pensamentos... Desgraçado! Elles se me gravam cada vez mais profundamente na alma! Elles me perseguem de dia e de noite!

Muitas vezes a desvairada imaginação d'Alexis lhe pintava a sua pastora deslisando-se com um passo tímido por entre a sombra onde Amyntas suspira no arrebatamento das suas magoas e amores. Elle ahí a vê de languido olhar suffocando apenas os suspiros que arfar lhe fazem docemente o tumido seio. Depois vê-a dormindo debaixo da ramada de jasmineiros; Amyntas a segue... aproxima-se... ousa acercar-se lhe... devora com avidas vistas tantos encantos... toma-lhe da mão... beija-a. Daphne não desperta... oscula-lhe as faces... chega mesmo a estampar-lhe um beijo nos labios!... E ella ainda não acorda! grita Alexis transportado de furor. Mas, deuses meus, que terríveis imagens eu creando estou! Haverá um supplicio mais cruel? Injusto, ingrato que eu sou que não penso senão no que pôde ferir-lhe a sua innocencia!

Já havia sete dias que durava este ardente delirio. Começava apenas a ferida a cicatrizar; nada pôde deter por mais tempo o impaciente Alexis. Abraça o seu bemfeitor e parte, resistindo a todos esses doces enleios que uma disvellada hospitalidade pôde suggerir para o deter.

Eil-o lá vae, perseguido ainda pelas furias, e, apesar da sua dôr, corre, vò.

Já o manto da noite havia caído sobre o espaço, mas aos pallidos clarões da lua elle avista ao longe a cabana da sua Daphne.

— Ah! diz elle, de hoje em diante juro que não hei de fugir todos esses pensamentos odiosos... hei de repellil-os para longe de mim. É além que habita aquella que me ama. Hoje, ó deuses, hoje ainda, hei de pedir-lhe perdão sobre o seu seio palpitante d'amor.

Assim fallando o passo appressava. Vê Daphne approximar-se por debaixo da ramada de jasmineiros que lhe guardavam a cabana.

— É ella! Ó Daphne! és tu; conheço-te por essa figura tão elegante, esse pisar tão ligeiro, esse vestido mais alvo que a propria neve. Eil-a ó deuses. Mas onde irá ella n'este momento? É perigoso para timidas pastoras exporem-se assim de noite nos campos. Talvez que impaciente por me ter junto a si ella venha ao meu encontro...

N'este momento um mancebo sae debaixo da ramada para a seguir. Daphne pára, aperta-lhe agradecida a mão; o mancebo dá-lhe um lindo cestinho de flores que ella com a graça mais seductora aceita e colloca no braço. Em seguida juntos caminham e vão-se afastando da cabana.

Alexis ao longe, tremulo de raiva, tomado de horror, sustinha-se apenas. Tão forte era a commoção!

— Deuses immortaes, que vejo! Será crível? Oh! é bem verdade! O que me tem agitado tão cruelmente é bem certo. Uma benefica divindade m'o fez sentir. Infeliz de mim!... E tu quem és, deus ou deusa, que me fizeste sentir a minha desdita, vingame... ah! vingame. Castiga já ante meus olhos tanta perfidia ou então deixa-me morrer aqui de dôr e de vergonha!...

De braços entrelaçados Daphne e o pastor seguiam a aléa da ramagem de murta que conduzia ao templo de Venus: a lua alumiavalhes os passos annunciando uma terna intelligencia.

— Elles vão para a sombra d'essas murtas, dizia Alexis furioso, e foi á propria sombra d'essa mesma murta que ella me jurou tantas vezes uma lealdade eterna! Eil-os no bosque... Ceus! já não os vejo. Occultos no mais espesso da folhagem sem duvida vão sentar-se sobre a relva... Mas não... lá os torno a avistar... as alvas roupagens de Daphne brilham ao luar atravez as sarças e os arbustos... Lá páram. Na verdade essa branda e fresca murta é um asylo bem encantador! Perfidos: repousai, jurae ahí em presença de Phebe... jurae vossos culpaveis amores. Que as furias possam arremessar o terror para o meio de vós!... Escutemos. Os rouxinoes repetem as mais ternas arias e as rollas gemem em torno d'elles. Comtudo... ainda não é ahí que elles suspendem seus passos. Lá chegam ao templo da deusa dos amores. Vou agora approximar-me... quero vel-ós... quero ouvil-ós.

Entrando na aléa de murta vê-os continuando a caminhar, dirigem-se para o templo cujas columnas de marmore alumadas pela lua sobresãem magestosas nas sombras da noite.

— Pois que!... ousam elles franquear esses umbraes tão santos! A deusa do amor protegeria tão negra perfidia?!

Alexis vê com effeito a pastora subir os degrãos do templo. Tendo ainda o cestinho de flores ella atravessa o portico entretanto que o mancebo pára em baixo na primeira plana. Alexis, tremendo de horror e de desespero, aproxima-se sempre, protegido pela sombra e consegue occultar-se por detraz d'uma columna, distinguindo perfeitamente Daphne que vae direita á estatua de Venus. A deusa inclinada para traz n'uma magestade e attitude arrebatadoras parece evitar-se aos olhos maravilhados dos mortaes e da sua altura sublime volver um olhar de bondade para aquella que se prostava aos seus pés.

Daphne pousou as grinaldas e na expressão mais terna e dolorosa exclama:

— Aceita, ó excelsa deusa, protectora dos amantes fieis, aceita as minhas supplicas e recebe favoravelmente estas flores que me atrevo a offerecer-te. Conservam-se ellas ainda humidas pelo orvalho da tarde e pelas minhas lagrimas. É hoje o sexto dia que Alexis está longe de mim. Ó benefica deusa; que elle possa regressar breve aos meus braços; protege-o no caminho e traz-m'o tão fiel e tão meigo como quando elle me deixou. Traz-m'o, e que então o estreitar possa contra o meu coração offegante de alegria e de amor.

Ouvindo-a, Alexis, sae do seu esconderijo e apparece ante o joven pastor; a lua dardejava perpendicularmente seus raios de prata sobre esta scena. O zeloso Alexis reconhece no seu pretendido rival o irmão de Daphne a qual timida e receiosa não se havia querido aventurar aos perigos da noite indo sózinha ao templo de Venus.

Alexis corre para a sua querida Daphne e os dois amantes transportados d'amor e enebriados d'alegria cáem prostrados n'um estreito amplexo aos pés da deusa dos amores que sorrindo, affectuosamente os parece olhar.

SILVA PEREIRA.

CHALON-SUR-SAONE

O departamento de Saône-et-Loire é formado da porção mais rica e mais bella do antigo du-



Chalon-sur-Saone

cado de Borgonha. Este departamento compõe-se de tres cidades: Mâcon, Autun, e Châlon sur Saone. É d'esta ultima, de que a nossa gravura representa uma vista, que daremos os seguintes limitados pormenores.

Châlon sur-Saone está situado entre Tournus, pequena cidade onde começa o aspecto italico, e Beaune, cidade vinicola, por excellencia. Participando do caracter de uma e d'outra deve ser considerada como o coração da antiga Borgonha.

Châlon é uma cidade essencialmente commercial. Os monumentos antigos que existem, estão

em completa ruina, e os modernos consistem em bons estabelecimentos. As ruas, constantemente cruzadas por grande numero de vehiculos, são sombrias, humidas, e quasi sempre sujas de lama espessa.

Os habitantes d'esta cidade não conservam dos velhos costumes mais que a amenidade proverbial, a lealdade inflexivel, e a pratica da hospitalidade e sociabilidade, predicados que tanto distinguem os chalonezes.

Châlon tem duas bellas praças publicas, um bonito caes, muito limpo e sobre tudo muito

animado, mas muito menos sumptuoso que o de Mácon, um chafariz publico, um obelisco, magnificos armazens, e uma ponte notavel.

Os que amam o ruido, a vida dos cafés e dos prazeres, o incessante movimento dos estrangeiros que frequentam esta cidade, a ausencia quasi absoluta de gosto pelas artes e pelo culto da musica, e o amor entranhado do theatro, podem habitar Chalon. Todos os caracteres de uma cidade onde um estabelecimento qualquer se eleva mais alto que o proprio lar domestico, existem ali.

ASHAWERUS

IV

(Continuado de pag. 311)

«E proseguiram na sua viagem. A terra do Egypto está affastada da Judéa umas boas dezeses jornadas. Tanto que lá chegaram, foram derrocados e tombados todos os falsos deuses, muitos egypcios vieram adorar aquelles, e porque estes foram censurados, respondiam: Diante d'elles caem os nossos deuses, porque rasão não faremos o mesmo?

Quando estavam havia já algum tempo no Egypto, appareceu em sonhos um anjo a José, e mandou-lhe que voltasse á Judéa, aonde Herodes tinha morrido miseravelmente.»

Aqui narra Ashawerus como assistiu aos factos da vida de Jesus-Christo, e compraz-se muito nas minucias da vida domestica. Cortemos esses promenores para chegarmos á Paixão, em cuja narrativa põe a lenda em opposição com o judeu de boa fé e arrependido, personificado por Ashawerus, o judeu obstinado e traidor representado por Judas Iscariotes.

«Dir-vos-hei de que familia era Judas. Descendia seu pae da stirpe de Ruben, era jardineiro, e fazia algum commercio de terra e de plantas. Quando a sua mulher estava gravida de Judas, sonhou que dava á luz a um filho, que tinha uma corôa na mão, e que, depois de a deitar por terra, calcava-a aos pés, depois approximava-se de seu pae e matava-o. Entrava logo no templo, e quebrava todos os ornamentos preciosos... Acordou a mãe muito desolada e triste, e contou o sonho ao esposo, o qual se foi em busca de quem lh'o explicasse; disseram-lhe, emfim, que um filho lhe nasceria, o qual mataria um rei e seu pae, e tão avaro seria, que só para possuir dinheiro, não recuaria perante qualquer iniquidade. Ao ouvir tal, ficou todo espavorido o pae de Judas, e por afastar tantos males, resolveu, de acordo com sua mulher, deitar o filho a alfogar.»

«De feito, assim que elle chegou aos dez dias, levou-o o pae ao Jordão, que desemboca no mar morto; mas o cofre, que o levava, aportou á ilha de Candia, e o rei, passeiando com sua mulher, viu a caixa a fluctuar e mandou apanhal-a, e porque n'ella encontrasse uma creança mui linda, chamou-lhe Judas, porque pelos vestidos conheceu que era da Judéa.»

«Foi Judas educado com o filho do rei, mais idoso do que elle um anno. Tanto que foram crescendo conheceu-se que Judas roubava o dinheiro do outro, e o moço principe o disse a seu pae, que, apalpando Judas, encontrou-lhe peças

de moeda, anneis, joias de preço roubadas á rainha e ao principe.»

«Mandou-o pois azorregar e disse-lhe: tu não és meu filho, posto que uses o meu nome; és um engeitado, salvo das ondas - e creado por caridade.»

«Tanta foi a raiva, que Judas sentiu por não ser o que julgava, que resolveu vingar-se, e imaginando que o culpado era o principe, buscou momento e local proprios para os seus ferinos intentos.»

«Um dia, que tinham ido juntos a passeiar n'um pequeno bosque, tal pancada lhe deu na cabeça, que o matou, e, embarcando logo, foi se para o Egypto, d'ali partiu para Jerusalem, aonde entrou ao serviço d'um fidalgo, por isso que era circunciso sem o saber, e até instruido na lei e usanças dos judeus.»

«Passado algum tempo enviou-o seu amo a comprar fructas, e indicou-lhe justamente a casa de seu pae.»

«Avido de dinheiro, escalou o muro, e pôz se a colher os fructos.»

«Como o seu pae o lobrigasse afinal, disse-lhe: Porque rasão me estás roubando os fructos? Ao que Judas enfurecendo-se e enchendo-se de muita sanha e raiva acommetteu o pae e tantas pancadas lhe deu, que o matou e roubou os fructos, com que se foi embora.»

«Veio no dia seguinte sua mãe a queixar-se ao amo; foi pois enviado para as justicas, e a sentença decidiu, que tendo morrido o ferido, desposaria o assassino a viuva, o que aconteceu.»

«Foi chamado Iscariotes, isto é, assassino, e viveu muito tempo com sua mãe.»

«Mas uma vez, como ella fosse deitar-se, notou que elle tinha apégados dois dedos do pé.»

«O' Senhor! axclamou ella, vejo agora que o meu sonho foi mais que verdadeiro, porque o filho, que expulsámos, tinha justamente os dedos assim.»

«E quanto mais attentava em Judas, tanta maior certeza alcançava que era o seu proprio filho, por isso que elle tinha nas fontes umas maculas de cor pardacento.»

«Assim foi reconhecido.»

Vê-se que a imaginação dos narradores, diz Cesar Cantu, ia buscar na tradição hebraica, assim como nas fabulas pagãs, as côres mais sombrias para carregar o maior dos culpados.

O traidor cumpre o seu nefando crime; Christo é arrastado ao supplicio, e Ashawerus, grande partidario dos scribas e phariseus, quer ser testemunha dos seus derradeiro momentos.

«Estava eu á minha porta, quando vi muito povo que ia correndo e repetindo: Crucificam a Jesus.»

«Tomei logo meu filho nos braços para que visse a Christo, porque n'este momento desponsava Jesus, vergando sob o peso do madeiro.»

«Chegou elle diante da minha porta e parou afim de repousar, e tomar algum alento; mas offendendo-me com tal affronta, disse-lhe com dureza e sobrenho: Anda, caminha; longe, longe da minha porta. Arreda-te. Não quero que um maltrapilho descance aqui.»

«Jesus olhou-me com um olhar triste e disse: Eu vou, e repousarei; tu irás e nunca te has de repousar; caminharás enquanto o mundo for mundo e até ao dia do juizo. Vae. Has de ver-me

sentado á direita de meu Pae, para julgar as doze tribus que me crucificaram »

«Deixei o meu filho e segui a Jesus. Veronica foi a primeira pessoa que eu vi, que veio enxugar a fronte de Jesus com uma toalha, aonde ficou estampada a sua imagem. Mais longe, só Maria e outras mulheres, que choravam. Um artifice, que trazia os pregos e o martello, tomou um dos pregos e mostrando-o a Maria, disse-lhe: Olha, mulher, teu filho vae ser pregado com isto.»

«Fui com elle até á montanha. Chegados ao alto do Calvario, tomaram a cruz e puzeram-na em terra; depois excavaram grandes covas ao passo que outros servos do carrasco despiam Christo.»

«Quando ficou todo nú voltaram alguns os olhos para não verem tão miserando espectaculo, outras riam e jogavam dieterios e chocarries. Maria, arrancando o véo, entregou-o a Jesus para que escondesse a sua nudez.»

«Foi logo crucificado, e a cruz foi posta no mesmo lugar, em que Adão fôra enterrado, e onde estavam as tres arvores de que fallei.»

«Tendo dito algumas palavras expirou Christo.»

«Então o ceu escureceu e estalou uma tormenta medonha. Os mortos sahiram dos tumulos, os rochedos abalaram-se e a terra fendeu se aos pés da cruz.»

«Longuinhos veiu com uma lança e varou a Jesus de lado a lado. O sangue, que sahiu em jorro, cahiu na fenda do terreno e regou a cabeça de Adão e Eva, enterrados ali e reduzidos a pó.»

Accrescenta Cantu: É uma das idéas mais engenhosas e mais atractivas da meia idade, a que faz morrer Christo n'um madeiro nascido da semente da arvore funesta a todo o genero humano, e sahido dos proprios restos dos nos-os primeiros paes. A mesma idéa faz cravar a cruz na tumba de Adão e Eva e correr o sangue divino sobre as suas cinzas, como que para as reanimar.

Ashawerus, depois de respirar um pouco, enquanto os ouvintes exprimiam os sentimentos, que os agitavam, continúa n'estes termos:

«Apenas morreu Christo deitei os olhos para Jerusalem, para a contemplar uma vez ainda, porque me sentia impulsado por uma força superior.»

«Comecei assim a minha viagem, sem saber para onde ia. Transmontei as mais altas montanhas; agora, qualquer que seja o sitio, onde chegue, posso parar e demorar-me. N'este mesmo momento, meus senhores (dizia elle fazendo reverencias profundas), parece-me que estou sobre umas brasas. Posto que esteja sentado, movem-se as minhas pernas, e sinto grande ancia de caminhar.»

«Corri, portanto, para o levante, para o poente, para o norte e para o meio-dia.»

«Depois de ter caminhado pelo mundo inteiro voltei á Judêa; mas lá não encontrei parentes nem amigos, porque cem annos havia, que caminhava continuamente.»

«Assim era que tão longa vida me pesava.»

«Deixei outra vez Jerusalem, aonde ninguem me conhecia, com o intento de arrostar todos os perigos para perder a existencia, porque estava fatigado de viver tanto tempo. Mas, fizesse o que fizesse, devia cumprir-se a palavra de Deus.»

«Combati em muitas batalhas, recebi mais de

dois mil golpes sem que um só me ferisse, porque o meu corpo é duro como a rocha, e nenhuma arma pôde penetrar-me. Andei pelo mar, naufraguei muitas vezes, mas ficava fluctuando como uma pluma. Nunca sinto necessidade de comer e beber; não tenho doenças, não posso morrer.»

«Tenho já percorrido o mundo quatro vezes, e por toda a parte vi grandes mudanças, paizes talados, cidades derruidas, o que seria muito longo contar-vos.»

Acabada a sua historia ergueu-se o judeu errante para ir-se embora.

Então o bispo rogou-lhe que ficasse mais algum tempo, e offereceu-lhe dinheiro para a viagem; mas elle respondeu-lhe: De nada careço; posso estar annos sem comer nem beber, bem que seja feito como os outros. Enquanto aos vestidos e ao calçado nunca necessito d'elles, porque os que trago a uso não se gastam nem estragam.

E, fazendo uma saudação profunda e reverenciosa mesma aos convivas, pôz-se a caminho para a sua quinta viagem.»

Tal é a lenda popular, termina Cantu, conhecida tanto dos sabios como do vulgo, que mostra em cem partes os vestigios do judeu errante, que conta as suas maldicões e profecias.

Alguem ha, que vê o fundo de uma epopèa magnifica n'este ser, diante do qual tudo passa, sem que elle mesmo passe, testemunha solitaria e impassivel de tantas vicissitudes e de tantos soffrimentos.

A. OSORIO DE VASCONCELOS.

MARTYR DE AMOR

XII

(Continuado de pag. 367)

Um suicidio... feliz

Partira certo o tiro a alancear o coração do nosso Claudio.

Custa tanto a vêr desabar um castello chimerico de felicidades sonhadas! É tão doloroso o emurhecer de uma esperança, quando por um momento nos veio e floriu no espirito!!

O joven aspirante de marinha havia-se envolvido já na fria mortalha da resignação, perdido de todo o alento e o animo de subjugar a fera esquivança de Lucia. Refloriu-lhe por isso mais viçosa a esperança quando, n'um olhar, a gentil menina lhe deu a vida..... a vida para matal-o tão cedo com uma decepção.

A nunca mentida bondade de D. Henriqueta animára o mancebo a ir visitar a sua cruel beldade; e elle fôra, muito risonho e satisfeito no intimo, com o coração perfumado de todas as ebriedades em que a juventude costuma espandir-se em lances taes como este.

O acolhimento frio, mais do que frio, glacial, com que Lucia o recebeu, desnorteou-o completamente. Muito previnido e bem armado ia elle para sustentar um certame de finezas e galanterias. Sonhára ouvir da boca da sua bella ditos de fino espirito e graciosa affabilidade e colleccionara na mente promptas e felizes respostas a todos. Ia bem provido para o combate conscio e vaidoso de sair triumphante.

A lueta porém tornou-se em campo muito differente do que elle na sua infantil candidez suppozera. As armas da sua adversaria eram outras

muito diversas das que elle phantasiára. A visita presidiu apenas o frio ceremonial da boa sociedade. Entre aquellas duas crianças, ridentes de calor e de juventude, interpunha-se a imagem fria e sinistra de D. Margarida.

Aquelle hediondo phantasma esmagava com uma das mãos o espirito da menina, emquanto se comprazia em cravar as garras aduncas da outra no coração desaperebido de Claudio.

A lucta era impossivel, porque se travava com o espirito das trevas, impalpavel, intangivel, fatal e invulneravel! O mancebo baqueiou.

Lucia, ao vel-o retirar-se assim desalentado e triste, sentiu confrangir-lhe o seio um pesadelo como o do remorso. Viu ao pé de si a figura macilenta de D. Margarida e sentiu frio n'alma: volveu a face e viu a amparal-a, radiante e formosa, a imagem risonha de D. Henriqueta, e veiu um raio de sol e de alegria desanuviar-lhe o espirito. Teve saudades da manhã da vespera, em que, encaminhada pela sua amiga, vira no horisonte da vida abrirem-se-lhe de par em par os aditos da felicidade. Parece-lhe aquella visão uma aurora, e a da invejosa confidente uma noite sem fim: sentiu dentro de si mesma a lucta do espirito das trevas e do archanjo da luz; e assistiu atonita e tremula de terror a este singular combate.

Passou atribulada toda a manhã. Sentia em si um irresistivel impulso de pedir um abrigo no seio immaculado da esposa de Christovam. Aquelle espirito, transparente como a luz, casto como a innocencia, firme como a crenca e expansivo como o amor do proximo, aquelle espirito que accitava os espinhos das dores alheias para os transformar em flores de consolações, em balsamos de alento, exercia na imaginação da vacillante menina uma attracção magnetica, irresistivel, sympathica, fascinadora. Prendia-a porém o enleio. Como poderia ella confessar que, apesar do conselho que de vespera lhe vigorisara tão solidamente o animo, tivera um momento de fragilidade? succumbira aos embustes perfidos da inveja? Ella, que amava a luz, como se deixara perder nas trevas? Ella que expandira os nectarios, do seu coração ao doce orvalho do ceu, porque deixara embebel-os do pó alevantado pelo simoun da malevolencia?

Todas estas hesitações lhe sobressaltavam a resolução, e a victoria quasi alcançada pelo archanjo do bem, ficaria decidida á primeira palavra que a santa amisade lhe segredasse ao ouvido.

Amerceou-se o destino d'aquella atribulação de toda uma manhã: quiz a sorte pôr termo áquella provação de um espirito, tão juvenil e tão fresco, na tortura das hesitações! D. Henriqueta, sollicita de saber o desenlace do seu generoso apostolado, passou pelo meio do dia por casa da sua amiga.

Foi o sol esplendido de um alvorecer de maio a romper o manto das nuvens accumuladas desde antemanhã no horisonte. Foi, deixem-me usar a phrase popular, mas muito significativa na occasião, foi uma alma nova que se incutiu na candida menina! O anjo da guarda de Claudio podia cantar victoria.

Que doces colloquios se trocaram entre as duas graciosas filhas de Eva: que cadeia magnetica de sentimento prendia aquelles dois espiritos, um vigoroso com o rebel, outro flexivel como a heral

— Amo-o! confesso-lhe minha amiga, aqui muito no recondito d'esta confidencia, confesso-lhe um segredo que nem a mim propria tenho ousado dizer. Quando me consulto, em face da sua amisade generosa e communicativa, sinto que é uma sincera verdade o amor que consagio áquella creança. Tem-me afastado d'elle um frio calculo; uma ridicula homenagem ás theorias do mundo! mas cá no intimo sinto que me alenta um fogo desconhecido, que não pode ser senão o amor.

— Bem sabe, minha amiga, que, quando me fez as primeiras confidencias do estado da sua alma, lhe disse com toda a gravidade que me davam os meus direitos de irmã mais velha, que consultasse bem profundamente o valor e a significação d'esse sentimento, em si e n'elle. Se acaso d'essa analyse resultasse a convicção de um prendimento intimo, garantia da ventura perenne n'um futuro enlace, não devia sacrificar a felicidade dos dois a caprichos ridiculos; mas se em Claudio ou em si propria não devisasse mais do que um enlevamento passageiro que o primeiro sopro do acaso havia de dissipar, então cortasse promptamente os liames de um sentimento, perigoso para um dos dois, quando não fôsse inconveniente para ambos.

— Sei ó, minha amiga: aos seus bons conselhos de irmã, ao seu generoso exemplo de amante, á sua alma varonil de esposa devo o estudo de mim mesma, devo esta intima analyse em que pude distinguir o que era sentimento verdadeiro e radicado, do que era folhagem luxuriante de feminis vaidades... e d'esse exame reflexivo...

— Resultou o convencimento de que lhe não era indifferente o moço Claudio: confessou-m'o já.

— Confessei. Não saberia esconder-lh'o.

— Justificada fica a seus olhos a missão de que a sua amisade me encarregou. Compreende que em tão delicado assumpto me não intrometteria, sem que n'elle me pedisse o auxilio da minha experiencia, e da minha amisade. Prestei-lh'o. Pediu-me que estudasse o genio e coração do amigo do meu marido, trouxe-lhe o resultado da minha syndicancia, favoravel ás pretensões do pobre moço. Deixei-a livre para decidir. Vi-a vacillar, e só tornei em seu auxilio quando me pediu conselho. Disse-lhe o que entendia: Que o amor era o entretenimento mais futil ou a occupação mais séria da mulher; no primeiro caso era indigno de prendermos com elle o nosso espirito e de lhe sacrificarmos, ainda que de leve, a nossa reputação; no segundo caso tudo merecia, todas as dedicações eram poucas da nossa parte, porque semelhavamos a sollicitude da avesinha que edifica cuidadosa o ninho da sua futura felicidade.

— Esse dilemma, que condemna inexoravelmente os caprichos futeis de um passatempo sem significação, fez-me bem ao espirito porque compreendi por elle que a scentelha de um verdadeiro sentimento se aninhava em mim.

— Felicito-a porque conheço a indole de Claudio, porque n'aquella alma transparente soube ler uma epopeia de amor, cujo idolo é a minha amiga:

— Pobre moço!...

(Continua)

C. B.